



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

ISAURA CAROLINE ABRANTES SILVA

BIOPODER E EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
neoliberalismo e fabric-ação dos corpos

JUAZEIRO DO NORTE

2022

ISAURA CAROLINE ABRANTES SILVA

BIOPODER E EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
neoliberalismo e fabric-ação dos corpos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pós-graduação em Docência do Ensino Superior do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof. Esp. Cecília Bezerra Leite

JUAZEIRO DO NORTE

2022

BIPODER E EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
neoliberalismo e fabric-ação dos corpos

ISAURA CAROLINE ABRANTES SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pós-graduação em Docência
do Ensino Superior do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de
especialista.

Orientadora: Prof. Me. Cecília Bezerra Leite

Aprovada em 10 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

PROF^a. Me. CECILIA BEZERRA LEITE

Orientadora

PROF. DR. FRANCISCO DAS CHAGAS FERREIRA FIGUEIREDO

Examinador 1

PROF^a. DRA. CICERA ALVES AGOSTINHO DE SÁ

Examinadora 2

JUAZEIRO DO NORTE

2022

RESUMO

O biopoder aliado ao neoliberalismo orchestra a educação universitária e a fabricação de estudantes, corpos úteis, produtivos e submissos aos padrões sociais. Nesse sentido, o objetivo do artigo é analisar as estratégias de biopoder voltadas a educação universitária. Para isso, recorre-se a pesquisa qualitativa de cunho descritivo-exploratório, utilizando do Estado da Questão (EQ) para perceber as maneiras com as quais universidade e biopoder são anunciadas pelos estudos, bem como anunciando outras percepções sobre a realidade brasileira. A costura entre esses termos, permite as autoras tricotar sobre as coincidências entre soldados e estudantes, assim como assinala a égide de ideologias racistas e coloniais, sendo fundamental refletir sobre os marcadores sociais de classe, raça e gênero. Portanto, advoga-se em nome do comprometimento ético-político com a libertação social, a transformação da realidade e a configuração coletivas de outros modos de ensinar e aprender para além da normatização.

Palavras- chaves: Biopoder. Educação universitária. Neoliberalismo.

ABSTRACT

Biopower allied to neoliberalism orchestrates university education and the making of students, useful, productive bodies submissive to social standards. In this sense, the aim of the article is to analyze biopower strategies aimed at university education. For this, qualitative descriptive-exploratory research is used, using the State of the Question (EQ) to understand the ways in which university and biopower are announced by studies, as well as announcing other perceptions about the Brazilian reality. The seam between these terms allows the authors to knit together about the coincidences between soldiers and students, as well as marks the aegis of racist and colonial ideologies, being fundamental to reflect on the social markers of class, race and gender. Therefore, it is advocated in the name of ethical-political commitment to social liberation, the transformation of reality and the collective configuration of other ways of teaching and learning beyond standardization.

Keywords: Biopower. University education. Neoliberalism.

1 INTRODUÇÃO

O biopoder é uma arte de governo dirigida aos corpos, alinhada com o sistema socioeconômico neoliberal que privilegia a produção de capital e o adestramento das multidões mediante táticas de controle afetando diferentes territórios e instituições. Nesse cenário, pensar a educação universitária é olhar o mundo que construímos e para o que desejamos das próximas gerações. O espaço universitário é permeável de potências quando miramos o desenvolvimento do conhecimento e as transformações societárias, mas também atravessado por vulnerabilidades de acesso e permanência da população brasileira.

Acentua-se a necessidade de ampliação das discussões sobre governamentalidade dos corpos e educação universitária, nos lançando os seguintes questionamentos: para quais pessoas/grupos a universidade foi pensada em sua criação? Se o espaço universitário atua como dispositivo de saber-poder a serviço do neoliberalismo, quais saberes são configurados? O que se pode observar é que a população periférica e marginal desviante da norma capacitista, heterossexual, cisgênera e branca costuma estar distante do acesso e permanência em universidades como a população negra, indígena, travesti e transsexual. O homem empreendedor movido pela economia e tilintar das moedas representa a vida valorizada e o corpo privilegiado a ocupar o estatuto de universitário.

A educação universitária atua como dispositivo de saber-poder ao (re) produzir o sistema educacional iniciado desde tenra infância em instituições escolares. Assim, as pedagogias educacionais atuam na domesticação dos corpos em nome da padronização e das normas sociais, fundamentando e embrutecendo as práticas sociais vinculadas a reconhecimento ou exclusão de sujeitos ou populações dos espaços universitários. A fabric-ação indica corpos dóceis e adestrados, mas resistentes e revolucionários. Apesar das raízes opressivas, coloniais e excludentes da história brasileira, e por conseguinte, da constituição universitária, as linhas de força estão acompanhadas de linhas de fuga e feitura de movimentos de contramão e brechas sobre a realidade.

Desse modo, como objetivo geral se pretende analisar as estratégias de biopoder voltadas para a educação universitária. Para tal, utilizando como ferramenta os seguintes objetivos específicos: a) investigar a construção histórica das universidades brasileiras; b) refletir sobre a docilização dos corpos como

estratégia educacional, ancorando-se no conceito de biopoder; c) compreender as conexões entre educação brasileiras e as táticas de poder envolvidas em meio acadêmico. Cada um desses objetivos específicos serão apresentados em tessituras das discussões que se seguem, subdividindo-se em três partes, aludindo aos respectivos objetivos específicos citados anteriormente.

No que tange aos aspectos metodológicos, o método utilizado será o de Estado da Questão (EQ), visando compreender as interconexões entre biopoder e educação universitária brasileira. Esse método permite vislumbrar as formas pelas quais autores/autoras e pesquisadores/pesquisadoras discutem sobre determinada temática. E então, a partir do que se entende por biopoder e educação universitária brasileira, a expectativa desse trabalho é conseguir edificar novas problemáticas, palavras de inquietação e novas ideias que nos façam questionar a realidade brasileira em suas sutilezas e concretudes, olhando para os corpos educados como atravessados por relações de poder e de resistência em trincheiras socio-históricas.

Ressalta-se a importância de discutir acerca dessa temática para faceta acadêmica quando nos debruçamos frente as estruturas e as resistências das classes estudantis e docentes, acreditando em pedagogias emancipatórias e solidárias. Para o conhecimento acadêmico, faz-se necessário desvendas as tramas da vida cotidiana e os acontecimentos que perpassam o território universitário. Assim, discutir sobre ensino-poder é abrir os olhos para o cenário em que se vive, e sobretudo, ao fazer isso em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Docência no Ensino Universitário, costurar uma auto-crítica aos espaços universitários, incitando des(construções).

2 TRICÔS TEÓRICOS

A denotação tricôs teóricos se refere a uma tentativa ensaística de compor costurar entre educação-universidades-biopoder, pautando-se em trincheiras brasileiras e tendo como pano de fundo a construção histórica de práticas pedagógicas em um território colonizado e explorado, mas também habitado por pessoas que resistem e insistem em uma diversidade de modos de existência. Fazer educação é um trabalho artesanal que requer reflexões compromissadas com a

legitimação do poder coletivo, sem perder de vista às perversas estratégias de poder.

2.1 EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

*Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais
Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro
Os humilhados do parque com os seus jornais
Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar
E a solidão das pessoas dessas capitais
A violência da noite, o movimento do tráfego
Belchior*

Trazemos a música do cantor e compositor nordestino e cearense Belchior para retratar as vidas em grandes cidades, pólos universitários com trânsitos entre populações: negros, pobres, estudantes e mulheres. Coincidentemente, o acesso universitário das mulheres data de reivindicações feministas para ocupar espaços de construção de conhecimento, designados eminentemente como naturais aos homens brancos e ricos. Em consonância a isso, para grupos pobres e negros o acesso à educação também se mostra dificultado, dada a marginalização social desses indivíduos, assim como a precarização do sistema educacional público. Mas, como a educação universitária brasileira foi edificada para se tornar aquilo que representa hoje? Para responder a tal pergunta, discutiremos sobre alguns pontos a seguir.

Primeiramente, lembramos que a universidade é uma criação europeia medieval fecundada no século XIX em catedrais e mosteiros. Contudo, a primeira instituição que mais se vincula ao conceito de universidade, mesmo que informalmente, refere-se à Biblioteca e o Museu de Alexandria. Posteriormente a morte de Alexandre em 323 A.C., durante o período helenístico, o general Ptolomeu assume o trono egípcio e inaugura centros de ciência e cultura. Em território brasileiro, a origem das universidades é marcada pelas escolas profissionais como antecessoras, instituições docentes notáveis com ensinamentos técnicos e/ou científicos. Já a criação de universidades se deu mais adiante. No século XVI, os jesuítas representaram uma intensa importância diante do ensino superior em países católicos tal como o Brasil, como a constituição da Companhia de Jesus por Inácio Loyola em Salvador – 1752 (BARRETO; FILGUEIRAS, 2007).

Nesse sentido, a construção sócio-histórica da educação universitária em solo brasileiro é tatuada pelo catolicismo, práticas pedagógicas que impuseram suas ideologias e crenças aos povos indígenas ao colonizar espaços e pessoas. Isso faz com que a educação universitária brasileira seja inicialmente destinada as grandes elites e a aristocracia da época, trazendo rastros para a história contemporânea quando observamos a dificuldade de democratização das universidades, espaço que seria destinado a coletividade e multiplicidade de etnias, religiosidades, gêneros, corpos e sexualidades.

Dessa maneira, segundo Colombo (2014), a constituição das primeiras universidades implementadas no Brasil remonta ao período colonial, percebendo a edificação de lugares destinados as grandes elites. De acordo Rossato (2012), a vinda da família real em 1808 reverbera sobre a criação de universidades, mas apenas em 1920 começam a serem implementadas universidades espalhadas pela federação que continuam até os dias de hoje como a Universidade do Rio de Janeiro. Através do governo de Dom Pedro II, ocorre uma amplificação de instituições educacionais e solidificação de centros científicos.

Nessa linha cronológica, segundo Bortolanza (2017), com a queda do império e a mudança política para a Constituição da República, descentralizando o ensino superior do poder de governos federais e estaduais e promovendo a criação de faculdades privadas, emergindo 56 novas instituições de ensino superior entre 1889 e 1918. Com o decorrer do tempo, em 1950 se consolidou uma rede de universidades (Universidade de São Paulo, Pontifícias Universidades Católicas, PUC – Rio de Janeiro, Campinas, Rio Grande do Sul) que seguiram o modelo napoleônico universitário. Com isso, afirma-se que as universidades teriam como finalidade conceber faculdades responsáveis pela emissão de diplomas reconhecidos pelo Estado para o exercício das profissões, estando a serviço das elites e submissão ao regime político vigente.

Depois de reivindicações populares no século XX uma parte do povo obteve acesso as universidades, mas ainda usufruindo somente de conhecimentos e aprendizados referentes as funções precárias que iriam desempenhar ao se formar. A partir da década de 90 ocorreram menores investimentos estatais no campo da educação, fazendo universidades públicas se deteriorarem, a pesquisa e a formação passaram a ser direcionadas pelo setor empresarial. Por outro lado, instituições

privadas são questionadas a respeito da qualidade de ensino, competências e habilidades voltadas a mera aquisição de diplomas (COLOMBO, 2014)

Assim, conforme Morosini (2008), destacam-se tendências da educação superior brasileira: a) internacionalização da educação – atividades voltadas a economia, globalização e atender as demandas do mercado de trabalho visando ganhos comerciais; b) universidade a serviço – o neoliberalismo e sua mercantilização invadem a educação, tendo a linguagem acadêmica se torna uma linguagem empresarial, administrativa e comercial, buscando segurança laboral a partir de diplomas universitários; c) LDB 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional com conhecimentos culturais, técnicos e científicos, prestando serviços as comunidades; d) Lei nº 9.870/1999 – ratifica a possibilidade de instituições de ensino superior funcionarem com fins lucrativos; e) ensino a distância – substituo da educação presencial; f) processos de avaliação – submissão das universidades a avaliação periódica do Ministério da Educação; g) expansão acelerada do número de universidades desde 1994.

A partir desse breve passeio pelo cenário histórico brasileiro, visualiza-se a universidade envolta por movimentos coloniais e empresariais. Se por um lado, a aristocrática sociedade colonial mantinha longe grande parte da população brasileira de postos universitários, por outro lado, interesses liberais fruto da transformação dos espaços universitários em empresas solicitam investimentos financeiros para o ingresso e conclusão de cursos de graduação. De que maneira a universitária privilegia e produz determinadas corporeidades? Como, ainda assim, os espaços universitários são alcançados por populações periféricas? Refletiremos a seguir nos dois próximos tópicos.

2.2 BIPODER E TRINCHEIRAS EDUCACIONAIS

*Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que eu tinha me libertado
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, morra, gaste e viva
Pitty*

Mais uma vez, enfatizamos artistas locais e trazemos versos da cantora e compositora Pitty, nordestina e baiana nos presenteia com uma música revolucionária que parece dizer sobre nosso processo de inquietação aqui descrito em linhas. A partir das historicizações foucaultianas, com o advento da modernidade, o corpo é transformado em máquina, as pessoas são soldados marchando rumo ao a produção de desenvolvimento econômico. E, nesse ínterim, parafuso e fluído em lugar de articulação dão lugar a fabric-ação de corporeidades programadas para a obedecer a imperativos como pensar, falar, comprar e beber. Cada vez mais, nossos projetos de futuro são sucumbidos às imposições daquilo que o Outro social demanda de nós, nos fazendo acreditar que a felicidade será uma premiação pela produtividade incessante e inacabável. Esse processo de atravessamento de estratégias, táticas e ferramentas de poder sobre os corpos é denominado de biopoder, isto é, tramas de poder sobre aquilo que é biológico, indivíduos e multidões.

Nesse seguimento, Foucault (2014) destaca que o biopoder emerge a partir do século XVII, sendo o direito de morte deslocado para a ênfase em um poder de conduzir a vida. Demarca-se a entrada da ordem saber-poder na vida em uma bio-história, para designar as interferências de fenômenos históricos em movimentos de vida. Assim, o biopoder se desenvolve a partir de duas formas principais, dois polos interconectados: anátomo-política (corpo individual) e biopolítica (população). Conforme Foucault (1999, p. 148): “um poder destinado a produzir forças, a fazer crescê-las e a ordená-las mais do que barrá-las, dobrá-las ou destruí-las”.

O que posso saber? O que posso fazer? Quem eu sou? São as perguntas norteadoras dos trabalhos de Michel Foucault, compromissados com a historicização do presente. A ontologia do presente é uma problematização crítica de nós mesmos, o importante não é descobrir quem somos nós mas indagar como chegamos a ser o que somos, para ser possível agir na contestação do que somos. Nesse (des)entendimento histórico, o tempo não é linear, mas apresenta atravessamentos e rupturas. Assim, abrindo novos espaços para a liberdade em um corpo- flecha-alvo, constituído e constituinte dos regimes de saber-poder. A história é disruptiva, inquieta e movediça (VEIGA-NETO, 2007).

Arelada ao biopoder, segundo Foucault (2008), a governamentalidade é efetuada por instituições administrativas, estratégias e táticas de poder, com o intuito de governar de maneira contínua ao aperfeiçoar, assegurar, sustentar e

aperfeiçoar a vida. Linha de forças para conduzir o governo dos corpos, tecnologia com nascedouro dirigido a regulação da população em uma racionalidade política. Uma nova era do poder – a biopolítica – incide sobre a governamentalidade como tecnologia de poder em um trabalho que visa a gestão da população, regular atividades econômicas, encadear a vida e a economia em planejamento estratégico para reger as relações humanas.

As populações são classificadas, otimizadas, mensuradas e geridas por procedimentos de gestão. Como preconiza Foucault (2008a), a âncora do biopoder é o *homo economicus*, homem aparato biopolítico para a criação do homem empresarial, corpo voltado para a produção de capital e gerenciamento de si, possibilitando a mercantilização da existência para servir aos padrões socioeconômicos neoliberais. Para constituir sujeitos empresários de si e garantir a manutenção do modelo neoliberal, utiliza-se o uso da governamentalidade, a implementação de uma tecnologia de poder.

Há um esquadrinhamento - análise e exame meticoloso - do tempo e espaço por aparelhos institucionais em uma arte das distribuições dos corpos para assegurar a ordem, estabelecer censuras em localizações funcionais e distribuir os corpos em uma rede de relações na tessitura de padronizações. Um corpo bem disciplinado não deve se ocupar do ócio ou de inutilidades, os gestos devem ser postos para extrair a máxima eficiência e extorsão de produtos (DARDOT; LAVAL, 2016).

Vida biopolítica é útil, dócil, segura, repleta de pastores laicos, religiosos e científicos, produzindo tentativas racionais de prolongamento da vida do corpo, articulada aos governos do espírito, da alma, da subjetividade, seus constantes sepultamentos, suas reiteradas ideologias, utopias da eternidade da condição do sujeito como homem. Vida biopolítica do incessante trabalho, revestida de direitos em guerras constantes, idealizações de paz e forma política da luta pela vida. Vida biopolítica do direito de selecionar quem vive e quem deve morrer, das interceptações, das guerras justas, indústrias e comércios, mas também da revolta das revoluções (BRANCO, 2015, p. 19).

Se olharmos para os espaços educacionais institucionais como escolas e universidades, percebemos filas, mapas de sala, divisões dos estudantes por sexos e idades, dentre tantas outras formas de gerenciar as corporeidades. A disciplina tem por intuito a fabricação subjetividades homogêneas através da docilização dos indivíduos para modos de caminhar, sentar, viver e pensar. Já a biopolítica se

direciona a englobar a coletividade em uma única forma de existência: ser empreendedor. A metamorfose de si mesmo em moedas e cédulas é um projeto político, em que o corpo se transforma em máquina calculadora de ganhos e lucros em competição com outras máquinas (humanos de carne e ossos). Isso afeta diretamente instituições universitárias, impactando sobre formações acríticas, desconectadas das ideologias neoliberais e passivas as injustiças, atrocidades, esgotamentos e exclusões sociais.

2.3 BIOPODER E EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EQUAÇÃO IMPOSSÍVEL

*O que transforma o velho no novo
Bendito fruto do povo será
E a única forma que pode ser norma
É nenhuma regra ter
É nunca fazer nada que o mestre mandar
Sempre desobedecer
Nunca reverenciar
Belchior*

Os versos de Belchior nos evocam para a saída daquilo que é comum: o povo. Na contramão daquilo que esperam de nós, desobedecer é não se tornar inofensivo e promover falhas na fabric-ação dos corpos, o hífen talvez seja a falha propriamente dita, curto-circuito nas engrenagens educativas. Inventar a educação com autonomia, emancipação e liberdade fazem parte também de formas de resistência, pois segundo as elocubrações foucaultianas, onde há poder, há resistência. E, por isso, esse último tópico de discussão é dedicado a descrever as estratégias de biopoder e também, sobretudo, de resistência em ambientes universitários.

De acordo com aquilo que vimos nos dois tomos de discussão anteriores, não somos seres humanos, políticos, sociais ou racionais, mas seres econômicos. Cada corpo se tornou uma empresa com missão (crescer, produzir e ampliar infinitamente, valorizando a si mesmo), visão (liberdade para negociação e empreendedorismo no mundo- mercado) e valores (eficiência, desempenho, liderança, dedicação totalizadora e servidão). O propósito dessa trama é constituir uma subjetivação contábil e financeira, uma subjetividade capitalista.

Assim, o sujeito se torna carne disposta a venda, capital humano. Cuidar de si é ser empreendedor, valorização do eu no mercado de trabalho. O sujeito de direito

desaparecer para dar lugar ao auto-empresendedor, trocando o “um por todos e todos por um” por “cada um por si”. Em um mundo globalizado pela competição, é preciso ser forte para ganhar o jogo à luz do lema liberalista “viva perigosamente”, todos estão enfrentando a situação de perigo (DARDOT; LAVAL, 2016).

Governar é mais do que disciplinar, a biopolítica demarca um conjunto de estratégias na gestão de viventes com nascedouro na coligação entre população disciplinada e economia política, tendo por objeto a dinâmica populacional, as ideias, a subjetividade. Por isso, Dardot e Laval (2016, p. 378) enfatizam: “a empresa é promovida como modelo de subjetivação: cada indivíduo é uma empresa que deve se gerir e um capital que se deve fazer frutificar”. O empresário é ser-no-mundo através de valores empresariais, é produto do neoliberalismo, subjetividade biopolítica.

3 METODOLOGIA

Os aspectos metodológicos desse estudo referem-se a uma pesquisa qualitativa e de caráter descritivo-exploratório, pois, busca criar familiaridade com o tema ao explorar e descrever as configurações do biopoder entrelaçadas a educação universitária. Para tanto, segundo Nóbrega-Therrien e Therrien (2004) recorre-se ao Estado da Questão (EQ) como método de pesquisa, fundamental para a delimitação das pesquisas, possibilitando o levantamento bibliográfico e o registro do atual estado das investigações acerca da temática ou objeto de estudo.

Como modalidade de estudo de revisão, há o uso do estado da questão como suporte de buscas para esquadramento do problema. Em concordância com Rodrigues (2016), mais do que um inventário de escritos, trata-se de re(criar) narrativas e bordar compreensões sobre os objetos de estudo.

O estado da questão transborda, de certo modo, os limites de uma revisão de literatura centrada mais exclusivamente na explicitação de teorias, conceitos e categorias. A concepção proposta requer uma compreensão ampla da problemática em foco fundada nos registros dos achados científicos e nas suas bases teórico metodológicas acerca da temática e, decorrente desse mergulho, requer igualmente a perspectiva de contribuição do próprio estudante/pesquisador cuja argumentação, lógica, sensibilidade, criatividade e intuição apontam as dimensões da nova investigação (NÓBREGA-THERRIEN; THERRIEN, 2004, p. 11).

Seguindo os autores, para a realização do estado da questão é essencial a capacidade de capturar um referencial extensivo e relevante entrelaçado com as discussões críticas concernentes ao material encontrado – domínio literário. Enquanto isso, o domínio conceptual acentua a capacidade de organização, coesão, coerência e síntese de diferentes perspectivas para o desenvolvimento da avaliação dos estudos.

O estado da questão se refere a um processo investigativo do pesquisador visando a caracterização do estudo, o estabelecimento de eixos teóricos e metodológicos, a constituição de categorias centrais de análise e as possibilidades de contribuições científicas originais.

Dessa maneira, configura-se como iluminação do pesquisador para a edificação de um texto narrativo, permitindo novas colaborações com a construção do conhecimento científico. Serão utilizadas dissertações de mestrado e tese de doutorado dos últimos quinze anos a partir dos descritores “educação universitária” e “biopoder”, além de autores clássicos dessa área de estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das provocações explicitadas, reforçar-se a preocupação com a edificação de um sistema educacional justo, democrático e libertador. Sobretudo, os movimentos de poder pedagógicos traçam linhas de controle, mas também focos de resistência que nos permitem conquistar direitos e pensar em uma outra realidade. Faz-se preciso reconhecer as estratégias de biopoder empregadas para a fabricação dos corpos em prol de uma normatização da vida, dominação da branquitude e heterocisnormatividade. assim como é salutar também destacar a presença de corpos desviantes: população periférica, negra, indígena e LGBTTQUIAP+.

Nesse sentido, compreendendo o paradoxo inclusão/exclusão no contexto da educação universitária como retrato de nossa sociedade brasileira que ao mesmo tempo que perpetua práticas de exclusão cotidianas, também é composta por reivindicações e lutas diárias repletas de sangue, suor, lágrimas e sorrisos de povos que insistem em viver, ocupar espaços e fazer do território brasileiro um lugar de morada. Dessa maneira, para rever o sistema fabril de produção de corporeidades em cenário universitário, é necessário modificar o modo como pensamos a educação

em termo geral, considerando a homogeneização da educação básica, os valores, ensinamentos e ideologias reforçadas desde tenra infância com o intuito de conceber uma vida útil e produtora, capturada por ideais racistas e coloniais de dominação de uns sobre os outros.

Portanto, enfatizo a importância de mais discussões relacionadas a educação e biopoder, uma vez que os modos de controle e resistência aparecem como alvo dessa questão. Pesquisas regionalizadas, fincadas nas raízes que pesquisadoras/pesquisadores nascem, vivem e se desenvolvem são fundamentais para o comprometimento ético-político com a mudança do mundo e a transformação social. Agradeço aos leitores que estiveram atentos a todas essas linhas e desejo profundamente que de modo comum, micropolítico e coletivo possamos desenhar novas relações educacionais e horizontes de desejo.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. L.; FILGUEIRAS, C. A. L. Origens da universidade brasileira. **Quim. Nova**, Rio de Janeiro, v. 30, n.7, p. 1780-1790, 2007.

BORTOLANZA, J. A trajetória do ensino superior brasileiro: uma busca da origem até a atualidade. **XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária**, Argentina, v.1, n.1, p. 1-16, 2017. Disponível em: <
https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181204/101_00125.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=O%20ensino%20superior%20brasileiro%20foi,com%20e%20nsino%20cient%C3%ADfico%20ou%20t%C3%A9cnico.> Acesso em 31 de jul. de 2022.

COLOMBO, S.S. **Gestão universitária: os caminhos para excelência**. Porto Alegre: Penso editora, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MOROSINI, E. **Enciclopedia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERS/RIES, 2003.

NÓBREGA-TERRIEN; S. M.; TERRIEN. Trabalhos Científicos e o Estado da Questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 30, 2014.

ROSSATO, R. Universidade brasileira: novos paradigmas institucionais emergentes. ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V.; MACIEL, A. M. R. (Orgs.). **Qualidade da educação superior: a universidade como lugar de formação**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2012. p. 19-38.